

EDITORIAL

A função essencial dos psicólogos

Há que perceber que a prevenção se paga a si própria, diz com razão o bastonário



Eduardo Oliveira e Silva

O 1.º Congresso dos Psicólogos portugueses acaba hoje em Lisboa. Verdade se diga que, tirando neste jornal, o acontecimento não teve a cobertura mediática que merecia, o que justifica que se volte ao assunto.

Longe vão os tempos em que se glosava com a profissão, dizendo que os seus agentes eram como a aspirina que tirava a dor mas não curava. Hoje, está provado que as aspirinas não só tratam como curam. O mesmo se passa com o exercício profissional da psicologia.

Dito isto, retenham-se alguns ensinamentos destes últimos dias. Como muito bem alertou o bastonário da Ordem, Telmo Mourinho Baptista, "há uma série de recomendações que os políticos deveriam seguir e uns quantos chavões que não devem ser utilizados. Um deles tem a ver com a crise, que é sistematicamente apresentada como um sinónimo de oportunidade, sucedendo na realidade que há também o perigo de as coisas se desorganizarem e ficarem ainda piores".

São palavras sábias que deveriam ser escutadas com atenção e que foram completadas com um alerta para o facto de os políticos não perceberem como funciona a cabeça das pessoas e não saberem comunicar as decisões de forma adequada.

Este diagnóstico deveria, por si só, ser suficiente para dar a perceber a importância do diagnóstico que os psicólogos podem e devem ser chamados a fazer.

Nas sociedades modernas, a psicologia tem aplicação em todas as vertentes de actividade e serve para apoiar os

seus objectivos. O acompanhamento individual ou grupal, em qualquer ramo, é um factor essencial para alcançar metas de toda a natureza ou atenuar traumas e tensões.

Esta função torna-se mais evidente nas áreas ligadas à saúde e à auto-estima. Quantos dramas teriam sido evitados se os profissionais da área fossem chamados mais sistematicamente a intervir e as suas opiniões fossem realmente consideradas?

Só nos últimos 15 ou 20 anos é que Portugal começou a despertar e a tomar consciência dos aspectos positivos que o trabalho social dos psicólogos comporta.

Desde aí começaram a ser colocados especialistas em áreas específicas e carenciadas de acompanhamento próprio, com especial realce para a saúde, o trabalho, as organizações, a justiça, a segurança, as forças armadas, o desporto e mais um sem-número de actividades humanas.

De algum modo, os lugares multiplicaram-se na medida em que o dinheiro crescia, indo portanto na pedalada, para usar um jargão desportivo. À boa maneira portuguesa, as coisas foram andando assim porque sim, sem que usasse plenamente o potencial dos profissionais da psicologia.

Hoje, com a crise, corremos o risco de ocorrer um movimento pendular inverso, o que teria efeitos claramente nefastos. Uma coisa é alertar para o excesso de profissionais em determinada área, o que até pode ser e é, certamente, o caso dos psicólogos. Outra questão prende-se com a utilização, o aproveitamento dos ensinamentos e a valorização positiva de uma vasta família profissional.

Esse aproveitamento é algo que se deve potenciar, pois não nos devemos esquecer de que "a prevenção é algo que se paga a si própria", para citar novamente uma frase lúcida do bastonário Telmo Baptista.